

FESTAS RELIGIOSAS

Cibele Aparecida Viana



HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SOMS

Os patrimônios, conforme destaca Gonçalves (2015)¹, nas suas mais variadas formas, constituem-se como representação das identidades e das lutas travadas pelos mais variados segmentos sociais. Assim, a arquitetura, os modos de fazer, as festas, as produções artesanais, as expressões musicais, as paisagens são considerados como “patrimônio cultural” a partir do seu reconhecimento por um grupo, que através deles percebe como fortalecidas as identidades por eles reivindicadas. Distintas expressões culturais são hoje reconhecidas como patrimônio cultural significativo dos modos de vida dos moradores de Bento Rodrigues, entre as quais as festas religiosas:

As festas ‘do Bento’ representavam celebrações de fé da comunidade como elemento norteador de sua cultura, em sentido simbólico. Ainda assim, eram frequentadas por visitantes de outras localidades dado o seu caráter. A localidade atraía genuíno. As relações sociais estabelecidas nestes ambientes proviam encontros hospitaleiros em sintonia com a simplicidade do espaço rural e a espiritualidade do povo mineiro (BRUSARDIN, 2018).²

Podem ser elencadas dentre as principais festas religiosas do povoado de Bento Rodrigues: de São Bento, realizada no último final de semana do mês de julho; de Nossa Senhora das Mercês, realizada no mês de setembro; de São Sebastião, de São José, de Nossa Senhora das Dores, Maria Concebida, do Sagrado Coração de Jesus, de São Benedito e do Menino Jesus.

Esta característica festiva-devocional do povoado não foi eliminada nem com a queda da Barragem do Fundão. Na resiliência dessa prática entre os moradores de Bento Rodrigues, é possível perceber um fenômeno que Fabre (2013, p. 21)³ conceitua como “emoções patrimoniais”. O elo entre patrimônio e a emoção que toca o povo do Bento nas festividades fica evidente no ato de retornarem para comemorar as festas religiosas em sua antiga comunidade, como observamos no relato de uma moradora: “No caminho até a igreja, muita emoção. “Dói muito né. A gente vê uma festa que a gente fazia com alegria e agora triste”, desabafou uma moradora”.⁴

¹ GONÇALVES, José Reginaldo S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos Históricos*, v. 28, n. 55, 2015, p. 211-228. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzbnkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

² UFMG/ICOMOS BRASIL. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. 2019. p. 89.

³ - FABRE apud SILVA, André Fabrício. Bento Rodrigues e a memória que a lama não apagou: o despertar para o patrimônio na (re)construção da identidade no contexto pós-desastre. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/gDHGy3dDQz7qfFfLxgZbNSP/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021. O autor reporta-se a FABRE, D. Le patrimoine porté par l’émotion. In: *Émotions patrimoniales*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2013.

⁴ Moradores de Bento Rodrigues celebram festa de N. Sra. das Mercês. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/09/moradores-de-bento-rodrigues-celebram-festa-de-n-sra-das-mercês.html>. Acesso em: 29/07/2021